

ARTIGOS

RACIONALISMO, HAMARTIA E AMBIGÜIDADE EM ÉDIPO REI DE SÓFOCLES

Geraldo Ferreira de Lima*

RESUMO – *Considerada por Aristóteles como a mais perfeita tragédia, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo, Édipo Rei apresenta-se como uma obra potencialmente rica em interpretações, em virtude de sua capacidade de mimetizar-se no tempo e no espaço. A partir do discurso de Édipo como enunciação de uma verdade, que uma vez explicitada, revela uma outra que o leva à ruína, analisa-se a problemática da racionalidade, da hamartia e da ambigüidade como componentes substanciais desse discurso.*

ABSTRACT – *Taken by Aristotle as the most perfect tragedy in connection with form and content – Oedipus the King is a work potentially rich of meanings provided by its capacity for constant update according to the circumstances of time and space. When Oedipus gives utterance to his speech, the truth he tells reveals another truth hidden in it, which, step by step, carries him to his own downfall. From this point of view, the problems connected with rationale, hamartia and ambiguity are, in the play by Sophocles, examined as substantial components of Oedipus' speech.*

...Diante dessa mãe que o condenara à morte e de quem, por isso mesmo, não conseguiu libertar-se, só uma coisa podia Édipo desejar e exigir: que ela o acolhesse, de volta, ao seu ventre, perda única do único abrigo que dela recebera. O casamento de Édipo com Jocasta, depois da derrota da Esfinge, representou a sua volta ao útero materno. Ao penetrá-la, no ato sexual, num hausto agônico da função simbólica, representava ele o retorno à grande escuridão perdida, noite sem estrelas de que ele fora despejado ao ser dado à luz. O incesto, para Édipo, significou sua última defesa contra a morte. O coito com a mãe simbolizou seu retorno ao útero. Se isto não tivesse sido possível, só restaria a Édipo o caminho da morte. O túmulo simbólico, que Jocasta representa – simbolizando-o para o filho – teria sido substituído pela urna funerária concreta, berço onde a vasta morte semeia o orvalho de sua anistia absoluta – sem termo e sem retorno.¹

* Prof. de Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-Americana do Dep. de Letras e Artes.

1 INTRODUÇÃO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MITO DE ÉDIPO E A PEÇA DE SÓFOCLES

Mencionado na *Ilíada* e *Odisséia*, obras do século IX a. C., e posteriormente desenvolvido num ciclo de poemas compostos ao longo dos séculos VII e VIII a. C., agora perdidos, o mito de Édipo chega até nós, hoje, graças às obras de Ésquilo – *Os Sete contra Tebas*, Eurípides – *As Fenícias*², e Sófocles. Édipo é o produto de uma maldição desencadeada por Laios, quando sai de Tebas e vai para Élide onde se torna hóspede do rei Pélope e conhece seu filho, Crisipo, por quem se apaixona, introduzindo, deste modo, o homossexualismo no universo da cultura helênica. Laios, num ato arrebatado, rapta Crisipo, que temeroso da reação paterna, suicida-se. Em decorrência disso, Pélope não só amaldiçoa Laios, como todos os seus descendentes. Laios retorna a Tebas e se casa com Jocasta. Temeroso das conseqüências de seu ato desvairado, que dera origem à maldição de Pélope, consulta o oráculo de Apolo em Delfos de quem ouve a confirmação de que se tiver um filho será assassinado por ele, e este se casará com sua mulher. Tenta evitar que Jocasta conceba, mas não consegue. Quando o filho nasce, prende seus pés com grampos e o entrega a um pastor para que seja morto. Este, ao invés de matá-lo, deixa-o no Citerão onde um pastor do rei de Corinto o recolhe e o leva para o casal real, Pólibo e Mérope que, não tendo filhos, o adota. Criado como filho, um dia, em um banquete, um convidado bêbado lhe revela que Pólibo não é seu pai. Na tentativa de averiguar a veracidade da afirmação, Édipo consulta o oráculo de Apolo e ouve algo ainda pior. O destino reserva-lhe duplo crime: a morte de seu pai e o casamento com sua mãe. Para evitar que se cumpra esta fatalidade Édipo foge de Corinto. A caminho de Tebas, no cruzamento entre Delfos e Daulis, encontra um velho numa carruagem acompanhado de seu séquito com quem disputa a primazia da passagem. Das cinco pessoas envolvidas na contenda, Édipo mata quatro. Parte de seu destino acaba de se cumprir, pois dentre os mortos está Laios, seu pai. Em Tebas, um monstro, metade homem, metade leão, espalha medo e terror ao devorar aqueles que não conseguem decifrar o enigma que propõe: "Qual o animal que de manhã tem quatro pés, ao meio dia dois, e à tarde três?" Segundo uma variante da tradição mítica, Édipo teria apontado para si mesmo, ao invés de dizer "o homem". Com essa atitude Édipo destrói o poder da Esfinge e liberta Tebas do mal que a assolava. Como recompensa recebe duplo prêmio: casa-se com a rainha, e torna-se rei. Dessa união nascem quatro filhos. Dois homens: Eteócles e Polínice, e duas mulheres: Ismena e Antígona. Anos se passam. Depois do firme e honesto governo do "forasteiro", Tebas é outra vez assolada por uma peste que dizima gente e animais. Édipo envia seu cunhado, Creonte, a Delfos com o objetivo de consultar o oráculo de Apolo que declara estar o mal na própria cidade, pois nela encontra-se abrigado um criminoso que deverá ser punido para que o mal seja extirpado. A partir daí, uma minuciosa investigação tem início.

Nesse ponto termina o mito e começa a peça de Sófocles. Num período de um dia começa um processo de investigação e descoberta do culpado motivado pela resposta do oráculo a Creonte. Indignado por saber que em seu reino vive um homicida que está impune, Édipo incita seu povo a encontrá-lo sob qualquer preço. A tensão que a investigação cria torna a peça de Sófocles, com toda sua lógica e concatenação de elementos, uma obra tão densamente policialesca que poderíamos dizer que se trata da primeira obra policial da história. Como investigador competente, o primeiro a quem Édipo recorre é o velho adivinho Tirésias que, diante do firme propósito de Édipo em elucidar o crime, responde que ele próprio, Édipo, é o assassino que procura. Essa acusação, associada ao relato de Jocasta sobre a predição do oráculo, a suposição de que o filho tenha morrido quando deixado no Citerão e a morte de Laios no caminho tripartido que leva a Tebas — são pedaços de um *puzzle* que Édipo está empenhado em montar, embora pareça cada vez mais desconfiado que a solução do enigma signifique a sua própria auto-revelação. Quando o mensageiro vindo de Corinto lhe anuncia que Pólibo está morto, há um alívio inicial logo substituído por uma inesperada angústia: não é filho de Pólibo. Como prova do que está afirmando o mensageiro pede que lhe mostre os tornozelos para, em seguida, revelar-lhe a causa das cicatrizes. Ele mesmo removera os grampos que prendiam seus pés. Jocasta, ao compreender, afinal, a verdade que recusara durante tanto tempo aceitar, suicida-se. Édipo, diante de seu horror, mutila-se duplamente: perde a visão e auto-exila-se. Cumpre, assim, sua própria sentença. Como iniciara, a peça termina: Édipo, um estrangeiro entre seu próprio povo. Antes, rei, poderoso, sábio e amado. Agora, rejeitado, humilhado e cego. Antes, ignorante de sua origem, agora, consciente dela, pune-se como indivíduo por ser parricida e incestuoso. Pune-se como governante por ter ele próprio decretado sua sentença, e pune-se como elemento social, porque, sendo o agente desencadeador da peste que recai sobre Tebas, não pode continuar na cidade, agora sabedor (ele) e sabedora (ela) de seus inomináveis atos.

2 IMPOSIÇÃO DA RAZÃO SOBRE A FATALIDADE

Édipo Rei presta-se aos mais diversos tipos de abordagem: da religiosa à moral, e da histórica à filosófica. Aristóteles a vê como modelo de perfeição estética. Para Voltaire, é a luta de um homem bom e correto contra os desígnios maliciosos dos deuses. É a luta desesperada de um homem tentando impor-se pela razão diante do fatalismo dos deuses. Elevado à condição de rei graças à sua habilidade em usar a razão, Édipo, durante todo o período da investigação, deixará claro que as orações poderão até servir de ajuda, mas a descoberta do assassino só será possível através do uso de uma metodologia que priorize a razão. E esta certeza de que será através da razão que o problema será resolvido lhe é dada pela experiência. Jovem estrangeiro, quando chega a Tebas, encontra um estado acéfalo. O rei tinha sido morto recentemente, e o povo sofria as consequências do desafio feito pela Esfinge.

Édipo, ao resolver o enigma por ela proposto, salva Tebas, restaura, como governante a ordem, e como rei, torna-se amado pelo seu povo e digno de respeito. Na abertura da peça, o tom, ao dirigir-se à comitiva tendo à frente o sacerdote, é paternal:

My children, latest born to Cadmus old,
Why sit ye here as suppliants, in your hand
Branches of olive filleted with wool?³

Em seguida dá testemunho do quanto está ligado ao povo como governante e homem, eliminando qualquer intermediação. Fala diretamente não só porque quer um diálogo *tête a tête*, mas também porque não quer deixar nenhuma dúvida sobre sua determinação em tudo fazer para devolver a paz ao seus concidadãos os quais prefere na condição de filhos:

Children, it were not meet that I should learn
From others, and am hither come, myself,
I Oedipus, you world-renowned king.

.....
My zeal in your behalf ye cannot doubt;
Ruthless indeed were I and obdurate
If such petitioners as you I spurned⁴

O Sacerdote reconhece em Édipo não apenas o rei. Na súplica em forma de litania, ele o define com os epítetos de "o primeiro entre os homens", "o primeiro nas coisas comuns da vida", "o primeiro nas atenções dos deuses" que, quando chegou a Tebas, livrou seus habitantes do pesado tributo exigido pela Estinge. É nessa mesma capacidade de resolver problemas tão intrincados que o Sacerdote apela para Édipo agora:

Our country's saviour thou art justly hailed:
O never may we thus record thy reign: -
'He raised us up only to cast us down'
Uplift us, build our city on a rock.
Thy happy star ascendant brought us luck,
O let it not decline!⁵

Depois do encontro com a comitiva liderada pelo Sacerdote, Édipo se sente cada vez mais responsável pela solução dos problemas que afligem seu povo. Sua tristeza é a do povo, e até mesmo o transcende:

Your sorrow touches each man severally,
Him and none other, but I grieve at once
Both for the general and myself and you.⁶

Embora acreditando no poder da razão, politicamente, Édipo não abandona a fé. Ao mandar seu cunhado Creonte consultar o oráculo de Delfos, certamente não é uma força interior que o leva a fazê-lo, antes a pressão causada pelo sentimento popular de que o destino humano está subjugado às forças divinas. Até seu confronto com Creonte, Édipo manterá a postura de um crente. Quando lhe é anunciado que seu cunhado está chegando, exclama:

O King Apollo! may his joyous looks
Be presage of the joyous news he brings!⁷

Ao ouvir de Creonte a razão de Tebas ter suas lavouras em flor destruídas, os fetos abortados, e a peste dizimando tudo e todos, Édipo, num *crescendo*, vai externando seu racionalismo, embora não abandone *in totum* sua fé nos deuses e em nenhum momento dê sinal de que está fazendo qualquer concessão ao fatalismo. Mesmo quando diz que Creonte fez bem em consultar o oráculo, não está superestimando o poder dos deuses. Ele diz isto depois de afirmar:

Well, I will start afresh and once again
Make dark things clear.⁸

E quando fala em reparação do crime está pensando em Tebas e também na fé:

I also, as is meet, will lend my aid
To avenge this wrong to Thebes and to the god.⁹

É claro que não se trata da mesma fé de que o Sacerdote, a comitiva e o povo estão imbuídos. Ao declarar que sua vingança está direcionada para reparar a blasfêmia cometida contra o deus, o que Édipo dirá logo em seguida se constituirá uma flagrante contradição. Daí acreditarmos que esta primeira pessoa que fala é apenas o veículo do conjunto ao qual ele se refere, e do qual, na condição de rei, ele se transforma em legítimo representante. O discurso de Édipo, neste caso, se revela em dois níveis: o do *ego* e do *alter*. Ocultando-se no *ego*, ele exprime o *alter* por absoluta impossibilidade de exprimir-se, já que se deve levar em conta o que lhe diz o Sacerdote quando lhe dirigindo a palavra pela primeira vez reconhece nele seu senhor soberano e rei. E é em nome da preservação do *status* de soberania que ele conclama o povo a vingar a morte de Laios. Ao solicitar a ajuda divina, está usando uma forma de atrair o povo contra duas ameaças ao seu reinado: a peste e a articulação de um provável *coup d'état* que Édipo desconfia serem Creonte e Tirésias os articuladores. Enquanto a primeira está evidenciada pelos fatos, a segunda ele apreende das palavras de Creonte, e apesar de ser apenas uma desconfiança, expõe à multidão como possibilidade concreta:

For whoso slew that king might have a mind

To strike me too with his assassin hand.¹⁰

A relação que Édipo tem com os deuses antes de sua catástrofe é de uma certa interação. Embora o Sacerdote se refira a ele como o "primeiro nas atenções divinas", ele mesmo não enfatiza a opinião do Sacerdote. É no seu encontro com Tirésias que essa interação atingirá o ponto máximo, chegando a se configurar numa certa arrogância e prepotência da razão, diante do fatalismo profético de Tirésias:

A prophet? When the riddling Sphinx was here
Why hadst thou no deliverance for this folk?
And yet the riddle was not be solved
By guess-work but required the prophet's art;
Wherein thou wast found lacking; neither bird
Nor sign from heaven helped thee, but I came,
The simple Oedipus; I stopped her mouth
By mother wit, untaught of auguries.
This is the man whom thou wouldst undermine,
In hope to reign with Creon in my stead.
Methinks that thou and thine abettor soon
Will rue your plot to drive the scapegoat out.
Thank thy grey hairs that thou hast still to learn
What chastisement such arrogance deserves!¹¹

Este é o discurso mais veemente de Édipo contra o fatalismo e exaltação do racionalismo. Chega mesmo a revelar uma certa jactância. Não se satisfaz em tentar destruir o fatalismo profético de Tirésias. Acusa-o de felonía. Ao acreditar que o epíteto de "decifrador de enigmas" lhe confere o poder de menosprezar e acusar o maior de todos os adivinhos, Édipo está superestimando a razão. É verdade que, como diz Cleanth Brooks "ele [Édipo] deu uma impressionante demonstração do poder singular da mente para dispersar a escuridão da irracionalidade quando respondeu à Esfinge"¹². É verdade também que ao exaltar a razão menosprezou as suas limitações. Tirésias está todo o tempo lhe falando sobre a inescrutabilidade do destino, mas Édipo confia demais em seu sucesso para dar ouvidos a "quem não teve condição de responder as cantilenas da Esfinge pelo poder da adivinhação". Édipo ficou seguro demais de seus próprios poderes e de sua inocência, como o demonstram suas conversas com Tirésias e Creonte.

Como já foi antes afirmado, Édipo é um crente. Quando o Coro finaliza sua súplica aos deuses, ele observa:

Ye pray; 'tis well, but would ye hear my words
And heed them and apply the remedy,
Ye might perchance find comfort and relief!¹³

Édipo, *pro forma*, também acredita no ritual: reconhece a necessidade de

preceitos religiosos, consulta os oráculos e faz orações, mas o que ele busca mesmo são evidências empíricas que possam ser justificadas pela razão. Sua investigação é um jogo de encaixes, e sua esperança é que os resultados sejam o produto das evidências reveladas pelos fatos em sua concretude. Nada de metafísicas ou abstrações. Como chefe de Estado, fará qualquer coisa para ter o assassino de Laios nas mãos. Chega até ser misericordioso para com aquele que confessar o crime:

And if he shrinks, let him reflect that thus
Confessing he shall 'scape the capital charge;
Is banishment - unscathed he shall depart.¹⁴

Entretanto, fica claro que não é em maldições ou súplicas que ele acredita, mas no poder de sua própria razão. A razão que destruiu a Esfinge. A insolência que existe em Édipo advém do fato de estar consciente de que nele não há culpa alguma. Tal insolência não é gratuita. Ela surge em função da inexistência de dados concretos que comprovem uma acusação quando esta é formulada, ou da relutância de alguém em oferecer-lhe alguma pista, como ocorre com Tirésias e o Pastor. Ao acusar Creonte de tramar sua deposição ou exigir de Tirésias que fale o que tem a dizer, suas reações são naturais de qualquer ser humano. Isto não invalida sua demasiada confiança na razão. Quando Édipo conversa com Creonte, se mostra desarrazoado, suspeito e obstinado – traços que não são próprios de um homem racional. Mas estes surgem do excesso de confiança de Édipo, e em termos de raciocínio, sua raiva se justifica.

Édipo tem uma mente brilhante e é um competente pensador, mas, como Creonte diz, não é um sábio. Não considera que em relação aos problemas humanos, a explicação dos fatos mais simples, ou mesmo a melhor lógica, aparentemente, não é, necessariamente, a verdadeira. Esta confiança geral na razão mostra a ânsia apaixonada de Édipo em obter a verdade em sua totalidade. Ele não estará satisfeito até que veja tudo devidamente esclarecido, mesmo que seja contra ele próprio. Como confia em sua própria habilidade para chegar à verdade através da razão, manifesta uma grande paixão pela investigação. Recusa-se a eliminar suas dúvidas, a menos que empiricamente comprovadas. Ao defrontar-se com a verdade, defronta-se com sua própria destruição. Por mais paradoxal que possa parecer, sua destruição é o triunfo da razão humana contra o inexorável destino preestabelecido pelos deuses.

3 HAMARTIA

A *Hamartia*, como determina o cânon aristotélico, consiste no erro cometido pelo herói trágico – um homem altamente estimado e próspero que cai em desgraça. A destruição de Édipo, segundo Aristóteles, foi causada por um “grande erro trágico” ou uma “*megale hamartia*”. A palavra *hamartia* conduz uma certa ambigüidade: tanto pode referir-se a falsos julgamentos morais como a um erro de ordem intelectual.

Os gregos não faziam distinção entre essas acepções da palavra, segundo Dodds¹⁵. Para o Sacerdote, na cena inicial da peça, Édipo é “o maior de todos os homens que com a ajuda divina salvou Tebas”. O Coro, com a mesma visão do Sacerdote, se enfurece quando ouve Tirésias afirmar que o homem que Édipo procura “está aqui, se passa por estrangeiro sendo de Tebas, e se verá que é ele, ao mesmo tempo, filho e marido daquela que o pôs no mundo, herdeiro e matador do próprio pai”. À insinuação do vidente responde o Coro:

Proof is there none: how then can I challenge our King's good name,
How in a blood-feud join for an untracked deed of shame?
All wise are Zeus and Apollo, and nothing is hid from their ken;
They are gods; and in wits a man may surpass his fellow men
But that mortal seer knows more than I know – where
Hath this saved our State when the winged songstress came,
Tested and tried in the light of us all, like gold assayed?
How can I now assent when a crime is on Oedipus laid?¹⁶

A *hamartia* de Édipo não está em sua aparente arrogância em relação a Tirésias ou Creonte. Está no parricídio e no incesto – uma *megale hamartia*, a maior que um ser humano pode cometer. Tudo indica que quando ARISTÓTELES usa o termo *hamartia* aplicada a Édipo, usa-o no sentido de *hamartema*, i. e., “uma ofensa cometida por ignorância de algum fato material, e portanto, sem *poneria* ou *kakia*”. Platão e Aristóteles referem-se a Édipo e Tiestes como dois exemplos da mais grave *hamartia*. Ambos violaram os códigos naturais, mas quando assim se comportaram não agiram deliberadamente. Quando Édipo foi consultar o oráculo não lhe foi apresentada nenhuma alternativa. A incondicionalidade do oráculo não permitiu que Édipo evitasse seu destino. Não lhe foi dito: “Matarás teu pai e dormirás com tua mãe se...” Ao invés do se, marca de condicionalidade, Édipo ouve um incondicional imperativo: “Matarás teu pai e dormirás com tua mãe”. A mesma marca de incondicionalidade está presente na fala mântica destinada a Laios. Ao tornar-se vítima de um destino inevitável, Édipo, moralmente, se transforma em um inocente. É espantosa sua inocência e aparente ingenuidade, a ponto de assemelhar-se a uma *marionette*, a despeito de sua determinação e inteligência. Como herói, sua tragicidade está plena de *hamartia*. Além da *megale hamartia*, Édipo comete outras “menores”. A primeira, quando manda seu cunhado consultar o oráculo:

Many, my children, are the tears I've wept,
And threaded many a maze of weary thought.
Thus pondering one clue of hope I caught,
And tracked it up; I have sent Menoeceus' son,
Creon, my consort's brother, to inquire
Of Pythian Phoebus at his Delphos shrine,
How I might save the State by act or word.¹⁷

A segunda, quando dá ouvidos ao Corifeu:

My liege, if any man sees eye to eye
With our lord Phoebus, 'tis our prophet, lord
Teiresias; he of all men best might guide
A searcher of this matter to the light.¹⁸

A terceira, quando Jocasta lhe apresenta o Mensageiro vindo de Corinto:

Hear this man,
And as thou hearest judge what has become
Of all those awe-inspiring oracles.¹⁹

A quarta, quando ele próprio exige a presença do ex-Pastor da casa de Laios para que confirme o que acaba de ouvir do Mensageiro da casa de Pólibo:

Go, fetch me here the herd, and leave yon woman
To glory in her pride of ancestry.²⁰

E. R. Dodds chama a atenção para o fato de que "nem em Homero, nem em Sófocles a presciência de certos acontecimentos implica em que todas as ações humanas são predeterminadas".²¹ Dito isto, observa-se que o Mensageiro, enfaticamente, distingue a autocegueira de Édipo como "voluntária", do parricídio e incesto involuntários. Para Dodds "Certas ações passadas de Édipo foram prescritas pelo destino, mas tudo que ele faz no palco, do começo ao fim, foi de acordo com sua liberdade de escolha".²² Poderia ter deixado a praga alastrar-se, mas apiedando-se de seu povo consultou o oráculo em Delfos. Poderia ter deixado o assassino de Laios sem investigação quando teve conhecimento das palavras de Apolo, mas seu sentimento de piedade e justiça foi maior. Não precisava ter forçado o relutante ex-Pastor de Laios a dizer-lhe a verdade, mas, como não poderia ficar em paz convivendo com a mentira, teve que jogar fora o último véu de ilusão que lhe cobria. Tíresias, Jocasta e o Pastor, cada um por sua vez, tentaram demovê-lo de seu intento, mas em vão. Ele tinha que decifrar seu último enigma – o enigma de sua identidade. Para Dodds, "a causa imediata da ruína de Édipo não é o 'destino' ou 'os deuses' – nenhum oráculo disse que ele devia descobrir a verdade; o que causa sua ruína é sua própria força e coragem; sua lealdade a Tebas e lealdade à verdade".²³

4 UMA OBRA ABERTA À AMBIGÜIDADE

Como Tragédia do Destino ou Tragédia de Identidade, qualquer que seja a conotação que se lhe confira, Édipo Rei apresenta uma semântica multivária que apesar de não se encaixar, em termos estruturais, naquilo que Humberto Eco define

como *Obra Aberta*, i. e., uma obra em mutação constante, um *work in progress* Joyciano, essa Tragédia do Destino/da Identidade/da Racionalidade, como obra de arte satisfaz plenamente o cânon humbertino quando estabelece que: "cada obra de arte produzida em conformidade com uma explícita ou implícita poética da necessidade, é substancialmente aberta a uma série virtualmente infinita de leituras possíveis, cada uma das quais leva a obra a reviver, segundo uma perspectiva, um gosto, uma execução pessoal".²⁴ O que Eco está afirmando é que o conceito de obra aberta não se restringe apenas ao aspecto formal. Ela é também aberta em seu aspecto intrínseco. No Prólogo, Édipo se autoneia: "Édipo, o Ilustre, de todos conhecido". Ao dizer que é "Édipo, de todos conhecido", insinua-se paradigmático. Ele é único. É o homem que, embora vivenciando a condição humana, sente-se acima dela pela condição de "decifrador de enigmas". E se ufana disso em seu áspero diálogo com Tirésias. O Coro, em sua última intervenção, faz um paralelo entre o Édipo de quem todos invejava a sorte, e o Édipo mergulhado num mar de tormentos:

Look ye, countrymen and Thebans, this is Oedipus the great
He who knew the Sphinx's riddle and was mightiest in our state²⁵

Édipo, rei, não por hereditariedade, mas por merecimento, é acima de tudo um herói. Ao nomear-se "Édipo, o ilustre, de todos conhecido" dá-se a seqüência de ambigüidades que o acompanhará até o momento de sua auto-identificação, pois como Édipo [Oidipous] – "o de pés inchados" é o duplo [dipous]: filho e marido de Jocasta, pai e irmão de seus filhos, genro e neto de seus avós maternos. O nome de Édipo também contém a forma verbal de presente do indicativo [oida] – eu sei. Em outro plano, o nome de Édipo [Oidipous] contém outras ambigüidades: [dipous] também pode referir-se a indivíduo ou humanidade. O pé [pous] – relaciona-se com o enigma da Esfinge que está diretamente ligado à noção de pé. O eu (sei) [oida] relaciona-se com o eu (Edipo) que conhece o segredo da Esfinge.²⁶ A idéia de [tetrapous], [dipous], [tripous] está diretamente ligada a filho, pai e avô. Ao casar-se com a mãe, Édipo se torna o filho que é pai e ao mesmo tempo avô de seus filhos.

Tirésias é um cego que, segundo ele próprio, vê. A história mítica de sua cegueira está relacionada com a sexualidade. Ele viu Atenas nua. Édipo, por sua vez, viu aquilo que homem nenhum deveria ver: a nudez da própria mãe. Daí a cegueira de Édipo identificada por Tirésias. Enquanto Édipo tem uma visão para fora – *sight*, Tirésias tem uma visão para dentro – *insight*. Assim, ao retrucar Édipo, Tirésias inverte os papéis:

Thus then I answer: since thou hast not spared
To wit me with my blindness - thou hast eyes,
Yet see'st not in what misery thou art fallen,
Nor where thou dwellest nor with whom for mate...²⁷

Impelido pelo impulso que o leva ao encontro do pai, Édipo e Laios – filho e pai – encontram-se numa encruzilhada. Destituída de outras vestes simbólicas, esta encruzilhada é Jocasta com quem Édipo, com seu bastão – a insígnia fálica – vai relacionar-se, e exercer seu poder real. Ao mesmo tempo que se apresenta como caçador na ânsia de descobrir o assassino de Laios, se torna ele mesmo caça. É descobridor e objeto de descoberta. É o procurado que está presente, o estrangeiro que é nativo; o opulento e o mendigo ao mesmo tempo. Quando o Coro, uma espécie de expectador ideal, lamenta o que está acontecendo em Tebas, fica claro que o mal que a atingiu é de ordem genital:

... Earth her gracious fruits denies;
 Women wail in barren throes;
 Life on life downstricken goes,
 Swifter than the wild bird's flight,
 Swifter than the Fire-God's might,
 To the westering shores of Night.²⁸

Plantas e mulheres estéreis – a natureza improdutivo – o crime está ligado a fonte vital. Quando Édipo fala, diz Vernant,²⁹ ou ele diz algo diferente ou o contrário do que queria dizer. A ambigüidade de suas palavras traduz a dualidade de seu ser. Como duplo, constitui-se em si mesmo um enigma. Aquilo que ele diz sem querer constitui-se em verdade. A dupla dimensão da linguagem de Édipo reproduz, em forma invertida, a dupla dimensão da linguagem divina que é expressa de forma enigmática. Édipo não sabe a verdade, mas, ao falar, explicita uma verdade de modo tão claro que se denuncia. Só aquele, como o adivinho, que tiver dupla função capta o duplo sentido de suas palavras. Seu discurso aparece entrelaçado em duas dimensões: uma humana e outra divina. Inicialmente há um distanciamento entre estes dois discursos. Quando diz que vai começar tudo de novo e mais uma vez esclarecer tudo, é um discurso que se baseia em sua experiência anterior, e portanto está relacionado com a inteligência, uma faculdade humana. No entanto, quando cai em desgraça, e justifica-se dizendo que foi o deus Apolo que o quis submeter a esse tipo de amargura, o discurso humano funde-se ao divino. Embora do início até o final da peça Édipo seja visto como um homem de decisão, ação, reconhecidamente bom e honesto, o curso de sua própria investigação vai revelar sua antitética personalidade: diz-se de Corinto, mas é de Tebas; diz-se decifrador de enigmas, mas não consegue decifrar o seu próprio enigma; apresenta-se como juiz, mas é um criminoso; salvador de Tebas, mas também sua maldição; médico, se transforma na própria doença; é o ilustre, reconhecido por todos, o primeiro dentre os homens, o mais nobre, o homem de poder, inteligência, honra, riqueza, que se descobre o último, o mais infeliz, o pecador, objeto de horror de seus semelhantes, odiado pelos deuses, reduzido à mendicância e ao exílio.

5 CONCLUSÃO

Édipo Rei é uma peça sobre o destino, a identidade e a cegueira de um homem no desespero da insegurança da condição humana. Em um certo sentido, cada um de nós é um Édipo tateando na escuridão de nossos destinos. Como Édipo, vivemos num mundo ilusório que nos preserva da assustadora visão de uma realidade futura que desconhecemos. Embora não seja um homem pleno de virtudes, a grande virtude de Édipo é sua disposição interior em buscar a verdade, ainda que esta signifique sua autodestruição. É um símbolo da inteligência humana na medida em que resolve todos os enigmas que lhe são apresentados, como desafio, através da razão, e não deixa de fazer uso dela até seu completo aniquilamento. Para Freud, "O destino de Édipo nos toca somente porque poderia ter sido o nosso próprio destino, porque o oráculo colocou em nós, antes do nascimento, a mesma condenação que foi a ele imposta".³⁰

Tendo alcançado os píncaros da glória, e tendo sido considerado pelos tebanos como o humano mais próximo dos deuses pela sua sabedoria, justiça e retidão, Édipo é reduzido à nulidade. Como um novo Adão é expulso do seu Paraíso – Tebas. Neste ato toda a realidade de sua condição humana lhe é revelada: é Édipo de pés inchados, possuidor de abominável contaminação, carregando em si a impureza de todo o mundo. O rei ilustre, purificador e salvador de seu povo, e o criminoso contaminado – duas faces de um mesmo Édipo lançado na atormentada aventura de seguir seu destino de trevas com a única certeza:

Then had I never come to shed
My father's blood no climbed my mother's bed;
The monstrous offspring of a womb defiled,
Co-mate of him who gendered me, and child.
Was ever man before afflicted thus,
Like Oedipus.³¹

Sem dúvida que o herói trágico de Sófocles exerce um grande fascínio sobre nós. O poder deste fascínio está em função de nossa identificação com o personagem. No seu processo de ascensão e queda está implícita nossa condição que através da razão nos impele a uma superioridade sobre todos os seres criados, por um lado, e por outro, nos dá a consciência de que a esta superioridade subjaz algo contra o qual nossa razão se mostra impotente. Como Édipo, estamos condenados a usar a racionalidade e sermos surpreendidos pelo destino. Como Édipo, estamos também condenados a conhecer a dor e como diz o Coro no final "por esta razão, enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor, não poderá dizer que foi feliz".

NOTAS

- ¹ Hélio PELLEGRINO. Édipo e a paixão. In: *Os Sentidos Da Paixão*, p. 325-6
- ² Ambas as peças focalizam a luta fratricida entre Eteócles e Polínice pelo poder em Tebas enfatizando a maldição sobre o clã dos Labdácidas.
- ³ F. STORR. Oedipus the King. In: *Sophocles*, p. 7.
A dificuldade em se encontrar uma tradução em língua portuguesa compatível com o nível poético e dramático do original grego fez com que se optasse por uma tradução numa segunda língua. Entre a tradução espanhola de Ignacio ERRANDONEA e a inglesa de F. STORR, duas excelentes traduções, a escolha da segunda deu-se apenas em função do gosto pessoal.
- ⁴ *Id.*, *Ibid.*, p. 7.
- ⁵ *Ibid.*, p. 9 e 11.
- ⁶ *Ibid.*, p. 11.
- ⁷ *Ibid.*, p. 13.
- ⁸ *Ibid.*, p. 17.
- ⁹ *Ibid.*, p. 17.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 17.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 39.
- ¹² Cleanth BROOKS. Sophocles, Oedipus the King. In: *Understanding Drama*, p.574.
- ¹³ *Id.*, *Ibid.*, p. 23.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 23.
- ¹⁵ E. R. DODDS. On Misunderstanding the Oedipus Rex. In: *Oxford Reading in Greek Tragedy*, *passim*.
- ¹⁶ F. STORR. *op. cit.*, p. 47.
- ¹⁷ *Ib.*, *Ibid.*, p. 11.
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 27.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 87.
- ²⁰ *Ibid.*, p. 99.
- ²¹ E. R. DODDS. *op. cit.*, p. 182.
- ²² *Id.*, *Ibid.*, loc. cit.
- ²³ *Id.*, *Ibid.*, p. 183.
- ²⁴ Humberto ECO. *Obra Aberta*, p. 64.
- ²⁵ F. STORR. *op. cit.*, p. 139.
- ²⁶ Ao responder o enigma da Esfinge Édipo teria ficado em silêncio, apenas indicando a si mesmo, como a dizer: [oída].
- ²⁷ F. STORR. *op. cit.* p. 41 .
- ²⁸ *Id.*, *Ibid.*, p. 21.
- ²⁹ Jean-Pierre VERNANT. Ambiguity and Reversal: On the Enigmatic Structure of Oedipus Rex, *passim*.
- ³⁰ Segundo FREUD *apud* E. R. DODDS. *op. cit.* p.187.
- ³¹ F. STORR. *op. cit.* p. 125.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROOKS, Cleanth, HEILMAN, Robert B. Sophocles, Oedipus the King. In: _____. *Understanding*

- Drama*. New York: Holt, 1947.
- DODDS, E. R. On Misunderstanding the Oedipus Rex. In: SEGAL, Erich (ed). *Oxford Readings in Greek Tragedy*. Oxford: Oxford University, 1983, p.177-188.
- ECO, Humberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PELLEGRINO, Hélio. Édipo e a paixão. In: PELLEGRINO, Hélio et al. *Os Sentidos Da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.307-328.
- STORR, F. Oedipus the King. In: _____. *Sophocles*. London: Heinemann, Vol. 1, 1906.
- VERNAN, Jean-Pierre. Ambiguity and Reversal: On the Enigmatyic Structure of Oedipus Rex. In: SEGAL, Erich (ed). *Oxford Readings in Greek Tragedy*. Oxford: Oxford University, 1983, p.189-209.